

DOENÇAS NEUROLÓGICAS E PSIQUIÁTRICAS



1

VOLUME

ORGANIZADORES

PAULO SÉRGIO DA PAZ SILVA FILHO
LENNARA PEREIRA MOTA



DOENÇAS NEUROLÓGICAS E PSIQUIÁTRICAS



1

VOLUME

ORGANIZADORES

PAULO SÉRGIO DA PAZ SILVA FILHO
LENNARA PEREIRA MOTA





O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial do SCISAUDE. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.



LICENÇA CREATIVE COMMONS

A editora detém os direitos autorais pela edição e projeto gráfico. Os autores detêm os direitos autorais dos seus respectivos textos. DOENÇAS NEUROLÓGICAS E PSIQUIÁTRICAS de [SCISAUDE](#) está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](#). (CC BY-NC-ND 4.0). Baseado no trabalho disponível em <https://www.scisaude.com.br/catalogo/doencas-neurologicas-e-psiquiaticas/64>

2024 by SCISAUDE

Copyright © SCISAUDE

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 SCISAUDE

Direitos para esta edição cedidos ao SCISAUDE pelos autores.

Open access publication by SCISAUDE

DOENÇAS NEUROLÓGICAS E PSIQUIÁTRICAS

ORGANIZADORES

Me. Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

<http://lattes.cnpq.br/5039801666901284>

<https://orcid.org/0000-0003-4104-6550>

Esp. Lennara Pereira Mota

<http://lattes.cnpq.br/3620937158064990>

<https://orcid.org/0000-0002-2629-6634>

Editor chefe

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Projeto gráfico

Lennara Pereira Mota

Diagramação:

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Lennara Pereira Mota

Revisão:

Os Autores

Conselho Editorial

Ana Flavia de Oliveira Ribeiro	Elane da Silva Barbosa	Juliane Maguetas Colombo Pazzanese
Ana Florise Morais Oliveira	Francine Castro Oliveira	Júlia Maria do Nascimento Silva
André de Lima Aires	Giovanna Carvalho Sousa Silva	Kaline Malu Gerônimo Silva dos Santos
Angélica de Fatima Borges Fernandes	Heloísa Helena Figuerêdo Alves	Laíza Helena Viana
Camila Tuane de Medeiros	Jamile Xavier de Oliveira	Leandra Caline dos Santos
Camilla Thaís Duarte Brasileiro	Jean Carlos Leal Carvalho De Melo Filho	Lenmara Pereira Mota
Carla Fernanda Couto Rodrigues	João Paulo Lima Moreira	Luana Bastos Araújo
Daniela de Castro Barbosa Leonello	Juliana Britto Martins de Oliveira	Maria Isabel Soares Barros
Dayane Dayse de Melo Costa	Juliana de Paula Nascimento	Maria Luiza de Moura Rodrigues
Maria Vitalina Alves de Sousa	Raissa Escandiusi Avramidis	Wesley Romário Dias Martins
Maryane Karolyne Buarque Vasconcelos	Renata Pereira da Silva	Wilianne da Silva Gomes
Paulo Sérgio da Paz Silva Filho	Sannya Paes Landim Brito Alves	Willame de Sousa Oliveira
Mayara Stefanie Sousa Oliveira	Suellen Aparecida Patricio Pereira	Naila Roberta Alves Rocha
Michelle Carvalho Almeida	Thamires da Silva Leal	Neusa Camilla Cavalcante Andrade Oliveira
Márcia Farsura de Oliveira		

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Doenças neurológicas e psiquiátricas [livro eletrônico] : volume 1 / organizadores Paulo Sérgio da Paz Silva Filho, Lennara Pereira Mota. -- Teresina, PI : SCISAUDE, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-85376-50-1

1. Neurologia 2. Psiquiatria 3. Sistema nervoso - Doenças I. Silva Filho, Paulo Sérgio da Paz.
II. Mota, Lennara Pereira.

24-234265

CDD-617.48

NLM-WL-368

Índices para catálogo sistemático:

1. Sistema nervoso : Medicina 617.48

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



10.56161/sci.ed.202410221



978-65-85376-50-1



SCISAUDE
Teresina – PI – Brasil
scienceesaude@hotmail.com
www.scisaude.com.br



APRESENTAÇÃO

Doenças Neurológicas e Psiquiátricas

Este livro é uma contribuição essencial para a compreensão das complexidades que envolvem as doenças neurológicas e psiquiátricas. Organizado de forma clara e acessível, ele aborda uma ampla gama de condições que afetam o sistema nervoso central e a saúde mental, com foco nas interações entre fatores biológicos, psicológicos e sociais.

O conteúdo foi cuidadosamente estruturado para oferecer uma visão abrangente das principais patologias, desde distúrbios neurológicos degenerativos, como Alzheimer e Parkinson, até transtornos psiquiátricos, como depressão, esquizofrenia e transtornos de ansiedade. Cada capítulo explora as últimas descobertas científicas, tratamentos e perspectivas terapêuticas, proporcionando tanto uma base teórica sólida quanto insights práticos para profissionais de saúde, pesquisadores e estudantes da área.

Além de discutir as doenças em si, o livro também destaca a importância da prevenção, do diagnóstico precoce e da reabilitação, aspectos cruciais para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes.

"Doenças Neurológicas e Psiquiátricas" é um recurso valioso para quem busca aprofundar o conhecimento sobre as questões de saúde neurológica e mental, com um olhar atento para os avanços da medicina moderna e os desafios emergentes na área.

Boa Leitura!!!

CAPÍTULO 1.....	10
A RELAÇÃO DA QUALIDADE DO SONO COM A PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	10
10.56161/sci.ed.202410288C1	10
CAPÍTULO 2.....	19
AVANÇOS RECENTES NA SÍNTESE DE MOLÉCULAS PARA O TRATAMENTO DA DOENÇA DE PARKINSON	19
10.56161/sci.ed.202410288C2	19
CAPÍTULO 3.....	33
COLABORAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE MENTAL: ABORDAGENS EFICAZES PARA O TRATAMENTO INTEGRADO	33
10.56161/sci.ed.202410288C3	33
CAPÍTULO 4.....	41
ENCEFALOPATIA TRAUMÁTICA CRÔNICA (CTE): UMA PERSPECTIVA DAS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES NEUROPATOLÓGICAS E DO DESENVOLVIMENTO DE MÉTODOS DIAGNÓSTICOS.....	41
10.56161/sci.ed.202410288C4.....	41
CAPÍTULO 5.....	53
ESCLEROSE MÚLTIPLA: DA PATOGÊNESE À TERAPIA	53
10.56161/sci.ed.202410288C5	53
CAPÍTULO 6.....	68
NEUROMODULAÇÃO NA DOENÇA DE PARKINSON: AVANÇOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS NA ESTIMULAÇÃO CEREBRAL PROFUNDA.....	68
10.56161/sci.ed.202410288C6.....	68
CAPÍTULO 7.....	81
NOVAS FRONTEIRAS: TERAPIAS CELULARES NA REABILITAÇÃO APÓS LESÃO DA MEDULA ESPINHAL	81
10.56161/sci.ed.202410288C7	81
CAPÍTULO 8.....	101
O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E COGNITIVO INFANTIL	101
10.56161/sci.ed.202410288C8	101
CAPÍTULO 9.....	112
SÍNDROME DE BURNOUT ENTRE PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO CONTEXTO DA COVID-19	112
10.56161/sci.ed.202410288C9	112

CAPÍTULO 3

COLABORAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE MENTAL: ABORDAGENS EFICAZES PARA O TRATAMENTO INTEGRADO

INTERDISCIPLINARY COLLABORATION IN MENTAL HEALTH: EFFECTIVE APPROACHES FOR INTEGRATED TREATMENT

 10.56161/sci.ed.202410288C3

Ana Aparecida Adeodato de Souza

Enfermeira pelo Centro Universitário Inta - UNINTA

<https://orcid.org/0009-0003-2930-9984>

Bárbara Eliza Bento de Moura

Graduanda em Medicina pela Universidade Vale do Rio Doce - UNIVALE

<https://orcid.org/0009-0006-5996-9109>

Gláucia Cavalcante Oliveira

Médica especialista em Saúde da Família e Comunidade pelo Centro Universitário Unifpmoc

<https://orcid.org/0009-0004-0929-3900>

Liliany Mara Silva Carvalho

Psicóloga e Doutora em Saúde Coletiva pelo FIOCRUZ MG

<https://orcid.org/0000-0003-0438-5174>

Andressa Carine Kretschmer

Nutricionista pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

<https://orcid.org/0000-0002-4153-6173>

Elisangela Maria Dos Santos

Bacharel em Serviço Social pela UEPB, especialista em Saúde Mental pela UNIFIP-CENTRO UNIVERSITÁRIO

<https://orcid.org/0009-0000-6597-5261>

Viviane Maia Santos

Enfermeira e Mestra em Cuidado Primário em Saúde pelo Departamento Enfermagem Unimontes e Unifmocafta

<https://orcid.org/0000-0002-2549-4612>

Kênia Souto Moreira

Enfermeira e Mestre em Cuidado Primário em Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde promovido pela Unimontes - MG.
<https://orcid.org/0000-0002-0661-616X>

Yoná Christina de Andrade Lopes

Biomédica pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR

<https://orcid.org/0000-0002-0908-3055>

Hugo Emanuel Santos Pimenta

Enfermeiro estomaterapeuta pela SMS

<https://orcid.org/0009-0005-6748-7815>

RESUMO

Este estudo analisa a eficácia do modelo de cuidado colaborativo em saúde mental, especialmente em contextos de atenção primária e em pacientes com comorbidades físicas. O objetivo é explorar como a integração de profissionais de saúde mental com especialistas de outras áreas pode melhorar a qualidade do atendimento e os resultados clínicos. A metodologia baseou-se em uma revisão bibliográfica sistemática de estudos que utilizaram o modelo de cuidado colaborativo. Os resultados indicam que essa abordagem, quando aplicada a pacientes com transtornos mentais como depressão e ansiedade, juntamente com condições físicas como doenças cardiovasculares e diabetes, reduz significativamente os sintomas e melhora a saúde geral dos pacientes. Durante a pandemia de COVID-19, o uso da telemedicina se destacou como uma ferramenta eficaz para manter a continuidade dos cuidados. A conclusão reforça a importância da colaboração interdisciplinar, do uso de tecnologias e da coordenação eficaz dos serviços de saúde para garantir melhores desfechos clínicos em saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado colaborativo; Saúde mental; Atenção primária; Telemedicina; Multimorbidade.

ABSTRACT

This study analyzes the effectiveness of the collaborative care model in mental health, especially in primary care settings and patients with physical comorbidities. The objective is to explore how the integration of mental health professionals with other specialists can improve the quality of care and clinical outcomes. The methodology was based on a systematic literature review of studies that applied the collaborative care model. The results indicate that this approach, when applied to patients with mental disorders such as depression and anxiety, along with physical conditions like cardiovascular disease and diabetes, significantly reduces symptoms and improves overall patient health. During the COVID-19 pandemic, telemedicine emerged as an effective tool to maintain continuity of care. The conclusion emphasizes the importance of interdisciplinary collaboration, the use of technologies, and effective coordination of health services to ensure better clinical outcomes in mental health.

KEYWORDS: Collaborative care; Mental health; Primary care; Telemedicine; Multimorbidity.

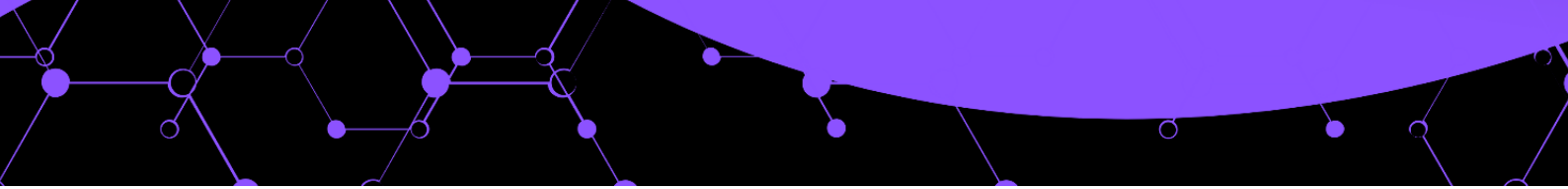
1. INTRODUÇÃO

A saúde mental tem se tornado uma questão central no cuidado integral à saúde, principalmente devido ao aumento expressivo da prevalência de transtornos mentais, como depressão e ansiedade, em diferentes faixas etárias e contextos sociais. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), essas condições afetam milhões de pessoas ao redor do mundo, e sua coexistência com doenças físicas crônicas, como diabetes e doenças cardiovasculares, agrava ainda mais o quadro clínico dos pacientes. Nesse cenário, torna-se urgente a busca por modelos de tratamento que integrem a saúde mental e física de maneira coordenada e eficiente, maximizando os resultados e proporcionando um cuidado mais humanizado e eficaz.

Tradicionalmente, o tratamento de transtornos mentais e de doenças físicas tem ocorrido de forma fragmentada, com pouca comunicação entre as diferentes especialidades. Esse modelo, embora funcional em alguns contextos, apresenta grandes limitações, principalmente para pacientes com multimorbidades, que demandam um cuidado mais abrangente. Nesse sentido, o modelo de cuidado colaborativo se destaca como uma solução promissora. Esse modelo baseia-se na colaboração entre profissionais de diferentes áreas – incluindo médicos de atenção primária, psicólogos, enfermeiros e gerentes de caso – para promover uma abordagem integrada, em que os aspectos mentais e físicos do paciente são tratados de forma conjunta (COVENTRY et al., 2015). A coordenação entre as equipes possibilita um acompanhamento contínuo e eficaz, que vai além da simples prescrição de medicamentos ou intervenções isoladas.

Um exemplo claro da eficácia desse modelo pode ser observado em pacientes com comorbidades como diabetes e doenças cardiovasculares. Essas condições, frequentemente associadas a transtornos de ansiedade e depressão, exigem uma intervenção coordenada que considere tanto o manejo da condição física quanto o cuidado da saúde mental. Estudos demonstram que o uso do cuidado colaborativo em ambientes de atenção primária resulta em uma significativa redução dos sintomas mentais, ao mesmo tempo em que melhora a adesão ao tratamento físico, garantindo melhores resultados gerais de saúde (COVENTRY et al., 2015; HUFFMAN et al., 2018).

A pandemia de COVID-19 trouxe novos desafios para a continuidade do cuidado em saúde mental, uma vez que as restrições de deslocamento e o distanciamento social dificultaram o acesso presencial a serviços de saúde. No entanto, essa crise também destacou a importância



da adaptação e inovação no modelo de cuidado colaborativo. A telemedicina emergiu como uma ferramenta eficaz para manter a continuidade do atendimento, permitindo que os pacientes, especialmente os mais vulneráveis, como os idosos, continuassem a receber suporte psicológico e acompanhamento de suas condições crônicas à distância (BAHARLOU et al., 2021). As intervenções remotas se mostraram tão eficazes quanto as presenciais, abrindo novas possibilidades para o futuro do atendimento em saúde mental, particularmente para populações que enfrentam barreiras geográficas ou socioeconômicas para acessar serviços de saúde.

Além disso, o cuidado colaborativo também tem se mostrado eficaz na promoção da equidade em saúde, especialmente entre populações vulneráveis e minorias étnicas. Em muitas regiões, o acesso aos serviços de saúde mental é limitado por fatores socioeconômicos, o que agrava as disparidades no cuidado. Jackson-Triche et al. (2020) apontam que a integração de equipes multidisciplinares, aliada ao uso de tecnologias como a telemedicina, tem o potencial de reduzir essas desigualdades, garantindo que populações de risco tenham acesso ao tratamento necessário de forma coordenada e contínua. Essa abordagem integrada não só melhora a qualidade do atendimento, mas também contribui para a inclusão social e a redução das disparidades de saúde.

O presente estudo tem como objetivo analisar a eficácia do modelo de cuidado colaborativo em saúde mental, com ênfase no manejo de comorbidades físicas e mentais e na adaptação desse modelo a diferentes contextos, como o uso da telemedicina durante a pandemia de COVID-19. A relevância dessa análise se dá pela necessidade urgente de modelos de tratamento que consigam integrar os cuidados de saúde mental e física, respondendo à complexidade dos pacientes que enfrentam essas condições. Além disso, este estudo visa demonstrar como a interdisciplinaridade e a colaboração entre profissionais de saúde são fatores determinantes para a melhoria da qualidade do atendimento e dos resultados clínicos em saúde mental.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi conduzido por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica e revisão sistemática, com o objetivo de analisar a eficácia do modelo de cuidado colaborativo em saúde mental, especialmente no manejo de comorbidades físicas e mentais. A revisão se baseou na busca de estudos científicos que abordassem a implementação de modelos de cuidado colaborativo em contextos de atenção primária e no tratamento de condições crônicas, como diabetes e doenças cardiovasculares, associadas a transtornos mentais, como depressão e ansiedade.

A pesquisa foi realizada em bases de dados reconhecidas, incluindo PubMed, Scopus e Web of Science, utilizando os seguintes descritores: "cuidado colaborativo", "saúde mental", "atenção primária", "comorbidade" e "telemedicina", conforme o vocabulário estruturado do DeCS (Descritores em Ciências da Saúde). A amostra foi composta por estudos publicados entre 2010 e 2023, limitados a artigos revisados por pares e publicados em inglês, português ou espanhol.

Crítérios de Inclusão: Foram incluídos estudos que:

1. Implementaram o modelo de cuidado colaborativo em contextos de saúde mental e comorbidades físicas;
2. Apresentaram resultados quantitativos ou qualitativos sobre a eficácia do modelo;
3. Descreveram o uso de tecnologias, como telemedicina, no atendimento a pacientes durante a pandemia de COVID-19.

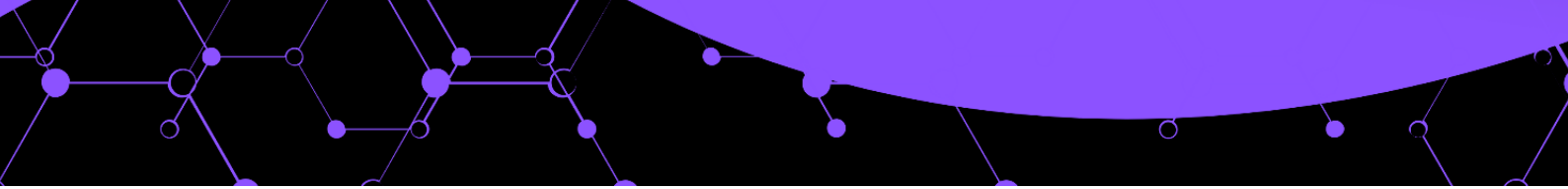
Crítérios de Exclusão: Foram excluídos artigos de opinião, revisões teóricas sem resultados empíricos, estudos que não envolvessem a integração entre saúde mental e condições físicas, e aqueles com publicações anteriores a 2010.

O instrumento de coleta de dados foi a leitura e análise dos artigos selecionados, com foco nas variáveis: impacto do cuidado colaborativo sobre os sintomas de depressão e ansiedade, eficácia do modelo em pacientes com comorbidades crônicas e uso de tecnologias no atendimento. As técnicas de coleta envolveram a seleção de estudos que apresentassem dados concretos sobre as variáveis mencionadas, com comparações entre diferentes abordagens colaborativas.

A análise de dados foi realizada por meio de uma síntese narrativa dos resultados encontrados, destacando-se os efeitos do cuidado colaborativo sobre a saúde mental e física dos pacientes, a redução de sintomas de transtornos mentais, a continuidade do tratamento durante a pandemia por meio da telemedicina e os resultados relacionados à promoção da equidade no atendimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O modelo de cuidado colaborativo em saúde mental tem se destacado por oferecer abordagens mais eficazes e integradas, principalmente no contexto de atenção primária. Diversos estudos apontam que a colaboração entre equipes de saúde, integrando profissionais de diferentes áreas, tem proporcionado resultados significativos no tratamento de transtornos

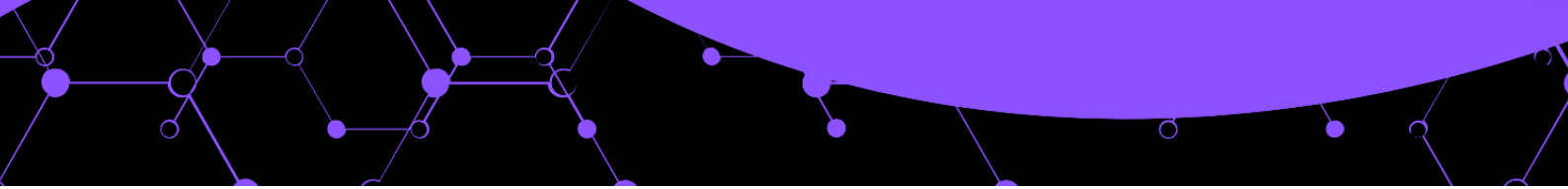


mentais como depressão e ansiedade, além de melhorar o manejo de comorbidades físicas. Coventry et al. (2015) demonstram que, em pacientes com multimorbidades, como diabetes e doenças cardiovasculares, o uso de intervenções psicológicas de baixa intensidade associadas ao tratamento físico resultou em uma redução considerável nos sintomas de depressão e ansiedade, melhorando também o estado geral de saúde desses pacientes. A combinação entre o tratamento psicológico e o manejo de condições crônicas físicas se mostrou crucial para alcançar esses resultados, destacando a importância de uma abordagem integrada.

No programa Penn Integrated Care, descrito por Wolk et al. (2021), o uso de um sistema de triagem e gerenciamento de encaminhamentos se mostrou essencial para melhorar o acesso dos pacientes ao tratamento de saúde mental. Esse sistema permitiu uma identificação precoce das necessidades dos pacientes e seu encaminhamento para os serviços apropriados, o que facilitou o início do tratamento. Além disso, esse modelo colaborativo possibilitou que uma proporção significativa dos pacientes atingisse a remissão dos sintomas, confirmando a eficácia do cuidado colaborativo. Chuah et al. (2017) reforçam essa conclusão ao estudar a integração de cuidados para pacientes com HIV e transtornos mentais. Eles destacam que a colaboração entre diversas instalações de saúde, juntamente com o uso de gerentes de caso, foi fundamental para garantir a continuidade do tratamento e a melhora da saúde geral desses pacientes, que muitas vezes enfrentam desafios complexos no gerenciamento de suas condições.

A pandemia de COVID-19 trouxe novos desafios à saúde mental global, mas também destacou a adaptabilidade do modelo de cuidado colaborativo. Baharlou et al. (2021) exploraram como a telemedicina desempenhou um papel crucial na continuidade dos cuidados durante o período de distanciamento social. As intervenções remotas garantiram que os pacientes, especialmente os idosos com sintomas de depressão e insônia, continuassem a receber tratamento psicológico, evitando interrupções prejudiciais ao seu bem-estar mental. A adoção da telemedicina durante esse período não apenas assegurou a continuidade dos cuidados, mas também abriu novas possibilidades para o futuro da saúde mental, permitindo que pacientes em áreas remotas ou com mobilidade reduzida possam continuar a receber acompanhamento.

Estudos conduzidos por Jackson-Triche et al. (2020) também evidenciam o impacto positivo do cuidado colaborativo na redução das disparidades de acesso à saúde mental. A inclusão de equipes multidisciplinares e o uso de tecnologias, como a telemedicina, foram essenciais para promover a equidade no atendimento, principalmente entre populações de risco, como minorias raciais e étnicas. Em contextos em que o acesso aos serviços de saúde mental é historicamente limitado, essas abordagens colaborativas se mostraram eficazes em garantir que



todos os pacientes recebessem o tratamento necessário, independentemente de suas condições socioeconômicas ou localização geográfica.

Outro ponto importante destacado pelos estudos foi o uso de modelos colaborativos no tratamento de pacientes com condições físicas graves e transtornos mentais associados. Huffman et al. (2018) exploraram a aplicação do cuidado colaborativo em pacientes cardíacos que também apresentavam transtornos psiquiátricos, como depressão e ansiedade. Os resultados indicam que a combinação de intervenções para as condições físicas e mentais resultou em uma melhora significativa no bem-estar psicológico dos pacientes, além de contribuir para a adesão ao tratamento das condições físicas. Esse estudo demonstra a importância de uma abordagem holística, que considere tanto a saúde física quanto a mental, para alcançar melhores resultados clínicos.

A integração entre os diferentes profissionais de saúde é, portanto, essencial para o sucesso do modelo de cuidado colaborativo. Reising et al. (2021) destacam que, em centros de saúde geridos por enfermeiros, o cuidado colaborativo foi fundamental para reduzir os sintomas de depressão e ansiedade, ao mesmo tempo em que aumentou a competência dos profissionais envolvidos no manejo dessas condições. O treinamento e a colaboração entre os profissionais permitiram que eles oferecessem um cuidado mais especializado e eficaz, promovendo melhores resultados tanto para os pacientes quanto para a equipe de saúde.

Além disso, Whitfield et al. (2023) argumentam que, em países de baixa e média renda, a implementação de programas de cuidado colaborativo é uma estratégia promissora para melhorar o acesso à saúde mental. No entanto, eles enfatizam que esses modelos precisam ser adaptados ao contexto local, com foco em uma comunicação estruturada entre as equipes multidisciplinares. A adaptação cultural e a personalização dos serviços são fatores críticos para o sucesso desses programas, especialmente em regiões onde os recursos de saúde são limitados.

Møller et al. (2018) exploraram as percepções dos médicos de cuidados primários e gerentes de cuidados sobre o modelo de cuidado colaborativo, apontando que, embora existam desafios logísticos, a colaboração entre especialistas é essencial para melhorar o acesso e a qualidade do tratamento de saúde mental. A organização e coordenação eficazes entre os diferentes níveis de cuidado permitem que as necessidades dos pacientes sejam atendidas de maneira mais ágil e completa, o que resulta em melhores desfechos clínicos.

5. CONCLUSÃO

Portanto, os resultados revisados apontam que o modelo de cuidado colaborativo é uma estratégia eficaz e adaptável, com potencial para melhorar significativamente a qualidade do

atendimento em saúde mental. A colaboração entre diferentes profissionais, o uso de tecnologias como a telemedicina e a coordenação eficaz dos serviços são fatores-chave para garantir a continuidade do cuidado e proporcionar melhores resultados para os pacientes. Esses estudos reforçam a importância de integrar a saúde mental e física em um modelo de cuidado colaborativo, que seja capaz de responder aos desafios de diferentes contextos e populações.

REFERÊNCIAS

BAHARLOU, S.; LINDQUIST, L. Innovative Multidisciplinary Care Models Provided via Telehealth During the COVID Pandemic. **Innovation in Aging**, v. 5, p. 280, 2021.

CHUAH, F. L. H. et al. Interventions and approaches to integrating HIV and mental health services: a systematic review. **Health Policy and Planning**, v. 32, p. iv27-iv47, 2017.

COVENTRY, P. et al. Integrated primary care for patients with mental and physical multimorbidity: cluster randomised controlled trial of collaborative care for patients with depression comorbid with diabetes or cardiovascular disease. **The BMJ**, 2015.

HUFFMAN, J.; ADAMS, C.; CELANO, C. Collaborative Care and Related Interventions in Patients With Heart Disease: An Update and New Directions. **Psychosomatics**, v. 59, p. 1-18, 2018.

JACKSON-TRICHE, M.; UNÜTZER, J.; WELLS, K. Achieving Mental Health Equity: Collaborative Care. **The Psychiatric Clinics of North America**, v. 43, p. 501-510, 2020.

MØLLER, M. C. R.; MYGIND, A.; BRO, F. Who needs collaborative care treatment? A qualitative study exploring attitudes towards and experiences with mental healthcare among general practitioners and care managers. **BMC Family Practice**, v. 19, 2018.

OVERBECK, G.; DAVIDSEN, A.; KOUSGAARD, M. Enablers and barriers to implementing collaborative care for anxiety and depression: a systematic qualitative review. **Implementation Science**, v. 11, 2016.

REISING, V. A. et al. Collaborative Care: Integrating Behavioral Health Into the Primary Care Setting. **Journal of the American Psychiatric Nurses Association**, 2021.

WHITFIELD, J. et al. Successful ingredients of effective Collaborative Care programs in low- and middle-income countries: A rapid review. **Cambridge Prisms: Global Mental Health**, v. 10, 2023.

WOLK, C. et al. Addressing common challenges in the implementation of collaborative care for mental health: The Penn Integrated Care Program. **The Annals of Family Medicine**, v. 19, p. 148-156, 2021.